

## Divina pedra

A contragosto, e por insistência do “tio”, ela colocou o vestido verde de bolinhas lilás, feito pela mãe, e saiu com uma xícara. Distraiu a ansiedade identificando os cheiros da manhã. Resto de umidade noturna, troncos descascados, raízes, terra sob o tapete de folhas, secura nos galhos altos. Melhor do que esses, só os cheiros do rio.

Dali, à faixa de terra grossa, dolorosamente descampada.

Bateu na porta da casa rústica, com pintura descascada. As pernas e a alma tremiam. Ainda segurava as lágrimas quando um desconhecido abriu a porta.

Ora, ora...

Meu tio mandou pedir uma xícara de café.

Você é a filha da Ângela, que voltou nessa semana?

Meu tio está pedindo uma xícara de pó de café.

Uma xícara de pó de café? Tudo bem.

A essa altura ela chorava.

Venha comigo. Qual é o seu nome?

Mariah.

Nome de rainha! Sente aqui, enquanto eu pego o pó de café. Isto se eu achar, que a Nilza parece que esconde tudo nessa casa! Da cozinha, o Sr. José falava alto. A sua mãe está muito feliz com a sua volta. Por que chora? Na ausência de resposta disse que ela pegasse do bolo que estava na mesa da sala. Voltando, foi mais direto.

O seu tio é bravo ou é bonzinho?

Minha mãe disse que ele é um bom homem, mas eu não acho.

Por que você diz isso dele?

Eu não posso contar.

Pode sim, principalmente se você estiver triste.

Mas se eu contar ele vai matar a minha mãe!

O Sr. José, assustado. A sua mãe, onde está?

Ela está no rio, lavando roupa.

O pó de café aqui está, mas veja, eu mesmo posso levar, e você vai ao rio encontrar com a sua mãe. Combinado? Pegue mais um pedaço de bolo e vá.

Ali era a Vila Pedra Grande, nome recebido em referência à pedra imponente, plana feito palco, na beirada do rio. Ela servia de quaradouro para as mulheres que lavavam roupas. De chão e de mesa, quando tomavam lanche no meio da manhã. De apoio enquanto passavam lascas do juá nos cabelos das crianças, o shampoo mais natural do planeta! Também de área de descanso, quando a sombra da encosta íngreme a recobria. Servia de trampolim, quando os pequenos apostavam pulos, gastando as manhãs em espalhafatosa alegria. De tanta serventia, recebeu o nome de divina pedra.

Perto da hora do almoço, sumiam do rio. Meninos e meninas voltavam energizados, pulando as poças d'água pelo caminho. À tarde os banhos de rio eram proibidos pelas mães. Ai deles se não chegassem!?

Na época das cheias, os adultos apostavam travessia. Foi numa dessas, que o pai de Mariah se afogou. Ela, ainda de colo, foi criada pelos avós até os seis anos e acabara de voltar a morar com a mãe, então casada com Norberto.

José bateu na porta. Esperava que “tio” Norberto atendesse. Depois, bateu palmas e esperou. O vento fez a porta bater e ele deu a volta na casa, parando na janela do quarto. Sobre a cama de casal, mala e sacolas, onde Norberto colocava roupas.

Mariah! Traga o resto das suas coisas!

José deduziu que Norberto confundiu a batida da porta com a chegada da menina. Não obtendo resposta, Norberto ia saindo do quarto quando avistou o vizinho na janela.

A menina Mariah foi se encontrar com a mãe, no rio. Vocês estão de mudança? A menina chorava. O que você tem a dizer sobre isso?

Não sei o que ela falou, José, mas é mentira.

Parece que você está se aprontando para carregar a menina?

E isto é da sua conta? Cai fora! Melhor, vem aqui se você for homem! Correu a pegar uma faca. José, prevenido que estava para falar com um tipo daqueles, segurava uma espingarda. No corredor, faca em punho, Norberto avançou, mas recuou em direção ao terreiro da casa, ao perceber que José manejava a arma. Embicou pelo caminho íngreme, sem nem sequer olhar para trás.

As crianças nadavam na parte rasa. Ângela insistia para a filha ir brincar também. Mariah, recuava.

Vá filha, tome esse short e essa blusa! E por que está com este vestidinho antigo?

Meu tio que mandou.

Mandou você colocar um vestido que nem serve mais?

Não é estranho Ângela? Olha, não cobre nem o essencial!

Estranho mesmo. Ela anda arredia nos últimos tempos.

Vai brincar Mariah, repetiu também a madrinha, Rita de Cássia.

A menina pegou os shorts e a camiseta. Causou espanto ao se trocar, devido as manchas pelo corpo.

O que aconteceu, filha, você caiu? Pode falar, eu não vou brigar. Você veio no rio a tarde, e caiu, foi?

Não vim, não, mãe! Foi o tio que me machucou.

Ângela!!! Você deixa o Norberto bater na sua filha?

Nunca!

Mariah, a gente quer te ajudar, mas conta isso certinho.

Não posso, ele vai matar a mamãe,

Ele ameaçou isto se você contar alguma coisa?

Sim.

Ângela se desesperou. O que ele fez? Mariah? Pode contar. Olha ele nem vai saber que você contou.

Ele puxou minha roupa. Me beijou. Tentou me segurar.

Agora fica tranquila, filha. Vá brincar, a gente conversa depois, está bem?

Meu Deus! Comadre Rita, eu vou matar aquele desgraçado! E depois eu vou jogar ele desse despenhadeiro para se arrebentar todo, bem no meio da pedra grande!

Com a fuga de Norberto, José pegou o caminho estreito e usual, que desembocava no rio. Chegou no exato momento em que Ângela acabava de pronunciar a frase fatídica. Então, com um grito de pavor, um homem despencou da parte íngreme, caindo, desconjuntado, sobre a pedra grande.

Divina pedra, é o Norberto! Se justiça existir, ele já está no inferno, vociferou Ângela.